

Do aparecimento da Mãe Bananeira

The Appearance of Mother Banana Tree

Maria Angélica Pedroni¹
(UFES)

Resumo: Este ensaio visual mostra parte das propostas que compõem “Caminhos da terra: memórias da materialidade” (2022), que apresentei como trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, na Universidade Federal do Espírito Santo. Tais propostas envolviam, principalmente, cerâmica, gravura e performance. A “Mãe Bananeira” é uma ação que realizei essa ação no segundo semestre de 2022 e foi fotografada por Matheus Bonela.

Palavras-chave: performance. fotografia. bananeira. memória.

Abstract: *This visual essay shows part of the proposals that make up “Paths of the Earth: Memories of Materiality” (2022), which I presented as my final project for the Visual Arts course at the Federal University of Espírito Santo. These proposals mainly involved ceramics, engraving, and performance. “Mãe Bananeira” is an action that I carried out in the second half of 2022 and was photographed by Matheus Bonela.*

Keywords: *performance. photography. banana tree. memory.*



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

¹ Graduanda em Arte Plásticas na Universidade Federal do Espírito Santo; Colaboradora no grupo Coletivo Monográfico; trabalha como produtora de mostras de artes visuais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3453082494988858>. ID ORCID:

Este ensaio visual mostra parte das propostas que compõem “Caminhos da terra: memórias da materialidade” (2022), que apresentei como trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, na Universidade Federal do Espírito Santo. Naquele texto, mais amplo, misturo minhas memórias e as da minha família com os diversos sentidos de tocar a terra, plantar, colher, criar, ver nascer; com os sentidos/sensações da argila, da folha verde, da folha seca, da cor que sai do caule, do papel e do tecido, do corpo, do corpo vestido de ambiente vivo ou renascido. Uma daquelas propostas, que envolviam, principalmente, cerâmica, gravura e performance, é a “Mãe Bananeira”. Realizei essa ação, fotografada por Matheus Bonela, no segundo semestre de 2022.

A lenda da Mãe Bananeira organizou parte das minhas memórias em Rio Bananal, ES. Não se trata apenas de uma lembrança, mas de dar corpo e ação aos elementos de mim que carregaram uma profunda relação com o mundo concreto, vivo e natural. Quando percebi, a Mãe Bananeira aparecia e reaparecia nos meus processos com a argila. Levei caules e folhas de bananeira, verdes e secas, para casa. Misturava os materiais, construía objetos frágeis e indecisos.

A putrefação, o cheiro fétido das bananeiras num dia quente, o trincado na cerâmica estressada pelas alternâncias entre a secura do mundo e o corpo líquido da bananeira, tudo acontecia ao mesmo tempo em que as leituras para outras disciplinas me apresentavam a história como meio de se pensar o mundo e nossa relação com ele. E eu não poderia me esquecer mais da Mãe Bananeira. Talvez para adiarmos um pouco o fim do mundo, como nos diz Ailton Krenak (2019, p. 14), precisamos poder contar mais uma história. Nas tensões entre arte e realidade, arte é também uma realidade.

Na metade de junho de 2022, após tudo ser invadido por bananeiras e argila, comecei a ouvir a voz de Dona Maria. Eu ia dormir e Dona Maria me sacudia:

— Acorda, Maria! Vai virar broto se não correr!

Assim, iniciei o processo de materialização da lenda da Mãe Bananeira. Ela que esteve por trás de muitas memórias impressas em papel, tecido e argila, agora, ganhava corpo para poder proteger o bananal.

Muito prazer tive em todo esse percurso de aprendizado, e de modo especial com essa etapa de trabalhar a folha. E aqui posso afirmar que essa folha provocou irritação ao se recusar em aderir no material, o que me levou a ter que esperar o tempo certo de cada etapa, de cada movimento. Esperar!

A espera foi um dos maiores aprendizados para mim. que quero tudo rápido, ágil, pra ontem. O esperar me levou a alcançar os outros estágios do trabalho, pude pensar, observar. A superação aconteceu quando desenvolvi novas maneiras de colar, fixar, combinar formas e texturas. A folha de bananeira me desafiou a repetir, melhorar o processo; me levou a buscar uma adaptação, a ser flexível em minha relação com a folha e com o que eu me propunha.

Aceitar os limites que ela estabelecia. Mas. Principalmente. A folha me trouxe uma grande satisfação, muita alegria em todo o processo. Sobre essa impermanência, a fragilidade da matéria, Richard Long (apud Primo, 2016), diz que *“No me interesa crear monumentos permanentes, así que muchas de mis obras terminan desapareciendo de forma natural. Eso sí, me acuerdo de todas”*. O desaparecimento de forma natural é a folha que se solta da roupa e cai ao chão.

A máscara, a blusa e a saia de folhas de bananeira não significaram o fim do processo, mas um mergulho, uma imersão, como diria Coccia (2018), nas minhas imaginações, em minha identidade vegetal.













Referências

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Santa Catarina: Cultura e barbárie, 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PEDRONI, Maria Angélica. **Caminhos da terra**: memórias da materialidade. Trabalho de conclusão de curso de bacharelado em Artes Plásticas. Orientação: Isabela Nascimento Frade. Vitória: Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

PRIMO, Carlos. Richard Long, el último artista romántico. **El País**, 2016. Disponível em:
https://elpais.com/elpais/2016/03/18/icon/1458294092_537417.html. Acesso em: 10 junho 2022.

Recebido em: 11 de outubro de 2022.

Publicado em: 30 de dezembro de 2022.